

# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



# Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>
<p>A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-029-2 DOI 10.22533/at.ed.292202904</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Todos vivemos a arquitetura, sentimos e interpretamos seus espaços e seus vazios, é arte cotidiana. Os espaços projetados pelo homem têm impacto direto sobre nosso sentir e fazer, um edifício bem planejado traz satisfação, traz conforto para o desenvolvimento das atividades humanas, esses impactos são sentidos fisicamente e psicologicamente, e por isso se faz relevante as análises que destes espaços aqui se apresentam.

Este livro se propõe a discutir a arquitetura de maneira ampla e profunda, entendendo que o espaço vivido assume dimensões além do palpável, passa pelos caminhos da história, da sociologia, da matemática e outras ciências, e que esta relação oferece análises mais complexas e reais.

Arquitetura acontece em escalas diferentes, do pequeno cômodo às grandes cidades, do móvel da casa ao mobiliário urbano, é um universo que se dispõe a ser estudado, a ser desvendado. A organização deste livro segue a escala de seus objetos de estudo, iniciando pela arquitetura, sua história e sua atualidade, na forma como a ocupação pode ser ressignificada, ou como a falta de acessibilidade limita o viver o espaço. Passa à escala urbana, as análises do que já foi, do que está sendo e do que pode ser.

Caminhar entre as relações do homem com o espaço é trabalho complexo, pois necessita da análise objetiva, mas não pode descartar o lado humano destas relações. Oferecer estes estudos é plantar sementes para novas discussões, que acabam por interferir diretamente em nossas casas, bairros e cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CASA DO CHAME-CHAME: CONEXÕES COM CULTURA LOCAL E ARQUITETURA MODERNA INTERNACIONAL	
Silvia Lopes Carneiro Leão	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2922029041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>24</b>
ARQUITETURA ASSOCIADA AO “ART DÉCO” NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
Fernanda de Castro Farias	
Nelci Tinem ( <i>in memoriam</i> )	
DOI 10.22533/at.ed.2922029042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>41</b>
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À PORTO ALEGRE: METAMORFOSES DE LINGUAGEM NOS MUSEUS DE ÁLVARO SIZA ENTRE 1988 E 1998	
Raul Penteado Neto	
Joubert José Lancha	
DOI 10.22533/at.ed.2922029043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>60</b>
SISTEMATIZAÇÃO DE DIRETRIZES PROJETOAIS PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM PERSONALIZADOS PARA CICLOTURISTAS COMO INCENTIVO À CICLOMOBILIDADE	
Jeane Aparecida da Silva	
Leandro Silva Leite	
DOI 10.22533/at.ed.2922029044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>69</b>
DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES	
Janércia Aparecida Alves	
Frederico Braida Rodrigues de Paula	
José Gustavo Francis Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.2922029045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ	
Érica Corrêa Monteiro	
Angelo Giovani dos Santos Feio	
Kayan Freitas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2922029046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL	
Ivan Oliveira de Grande	
Valério Augusto Soares de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2922029047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
A REGIÃO DOS JARDINS EM SÃO PAULO: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MUDANÇA	
Luiza Veiga Mathias	
José Geraldo Simões Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.2922029048	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>130</b>
TEORIA E PRÁTICA: DO CONCEITO AO PROJETO	
Letícia Peret Antunes Hardt	
Carlos Hardt	
Marlos Hardt	
DOI 10.22533/at.ed.2922029049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS	
Pedro Henrique Máximo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>153</b>
GEOMETRIA FRACTAL E OS VAZIOS URBANOS (EUCLIDIANOS)	
Solimar Mendes Isaac	
Fernando Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.29220290411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>170</b>
CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO	
Elisabete Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290412	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>180</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>181</b>

## GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS

*Data de aceite: 13/04/2020*

### **Pedro Henrique Máximo Pereira**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-UnB  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola  
de Artes e Arquitetura  
Goiânia – Goiás  
Universidade Estadual de Goiás, Campus Central  
Anápolis – Goiás

**RESUMO:** O artigo aborda as intervenções urbanas contemporâneas em Goiânia em três fragmentos: 1) o Setor Central; 2) os parques urbanos; e, por fim, 3) os “monumentos”. A questão orientadora da pesquisa aqui relatada refere-se ao conflito latente entre os repertórios urbano-arquitetônicos globais, nomeado de Efeito Genérico, e as permanências urbanas. No documento aborda-se o processo de transformação do Setor Central em parque temático voltado aos discursos de cultura e lazer, ao passo que os parques urbanos e os “monumentos” difundem propriedades inerentes a este mesmo Setor Central: o bucólico e o monumental. Objetiva-se, portanto, a compreensão das nuances deste processo de configuração de paisagens globais na cidade a partir dessas permanências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Goiânia, Efeito Genérico, Permanências Urbanas

**ABSTRACT:** The article addresses contemporary urban interventions in Goiânia in three fragments: 1) the Central Sector; 2) urban parks; and, finally, 3) the “monuments”. The guiding question of the research refers to the latent conflict between the global urban-architectural repertoires, called the Generic Effect, and urban permanences. The document addresses the process of transforming the Central Sector into a thematic park focused on the discourses of culture and leisure, while urban parks and “monuments” disseminate properties inherent to this same Central Sector: the bucolic and the monumental. Therefore, the objective is to understand the nuances of this process of configuring global landscapes in the city based on these permanences.

**KEYWORDS:** Goiânia, Generic Effect, Urban Permanences

### 1 | INTRODUÇÃO

As metamorfoses do espaço urbano se colocam como os grandes e atuais desafios de nossa disciplina. Sintomas exímios do fenômeno da metropolização do espaço

e produtos de uma sociedade profundamente delineada pelo signo do capital (LENCIONI, 2017), tais metamorfoses talvez sejam as marcas mais expressivas do que convencionou-se nomear por “cidade contemporânea”: uma “criatura incerta” (VÁZQUEZ, 2016, p. 7). Difícil de ser compreendida, sua complexidade é, numa primeira aproximação, dupla. Em primeiro lugar, há que se considerar que as aceleradas e cada vez mais rápidas mudanças na forma, na estrutura e no conteúdo das cidades nos impedem de captura-las em sua totalidade e amadurecer seus reais motivos, impactos e sentidos. Em segundo lugar, a curtíssima distância temporal que não nos permitem enxergar tais metamorfoses a uma distância segura, nos colocam não somente como observadores desse fenômeno, mas também como seus copartícipes. Todavia, é possível afirmar com segurança que, paralelo à globalização econômica, há também uma espécie de homogeneização das paisagens urbanas, não somente em imagem e representação, mas em conteúdo.

Tais metamorfoses espaciais, seus sentidos e seus produtos configuram uma espécie de léxico urbanístico global que passa, mediante a interação econômica entre os países, a se reproduzir em locais amplamente diferentes. Como resultado, produzimos espaços homogêneos (LEFEBVRE, 2004), banalizados (DEBORD, 1996), genéricos (KOOLHAAS, 1995; 2010) e comuns (MUÑOZ, 2008), ou seja, produtos do pensamento único em voga desde as origens da globalização econômica (ARANTES, 1998). Os conteúdos locais, profundamente vinculados à história territorial, encontram, neste processo, diversos impasses a suas permanências, seja pelas imposições do poder desterritorializante do capital internacional, seja pelas possibilidades de hibridização, misturas e mesclas cooptadas pelo próprio capital, que passam a dissuadir seus habitantes: a mercadorização da cultura e, ao mesmo tempo, a culturalização da mercadoria (LIPOVETSKY; SERROY, 2011). Neste sentido, as lógicas do descarte, da substituição e do acúmulo - características da sociedade do consumo difundida em escala planetária -, se reverberam nos espaços urbanos, das cidades do oriente às cidades do ocidente. Embora esse processo se materialize no espaço num processo deflagrador de constituição de paisagens globais, simultaneamente, ele se materializa nos lugares de modo absolutamente diverso em decorrência de um conflito que se acirra gradativamente entre esse léxico global e as permanências locais (MÁXIMO, 2019). Portanto, a questão que parece não cessar em nossa disciplina atualmente é: como lidar com as imposições globais por sobre os locais inseridos na lógica da globalização econômica?

Este texto, produto da pesquisa *Cidades Planejadas entre o Efeito Genérico e as Permanências*<sup>1</sup>, traz uma reflexão sobre este desafio. Todavia, a especificidade aqui

1. O projeto *Cidades Planejadas entre o Efeito Genérico e a Permanência*: Belo Horizonte, Goiânia, Brasília e Palmas (PROPE/PUC-GO), tem como objetivo identificar e cartografar as transformações recentes em seus respectivos territórios, a fim de pôr em xeque questões relativas às permanências urbanas e suas respectivas transformações substanciais.

contida indica um cenário diferente daqueles protagonizados pelas cidades antigas. As discussões aqui apresentadas tratarão de Goiânia, uma cidade nova, planejada e projetada no bojo da mudança institucional que adveio ao Brasil, e principalmente ao interior do país, por meio das políticas de Estado na Era Vargas (1930-1945). O fato de se tratar de uma nova cidade para ser a sede do poder administrativo de Goiás, lhe garantiu, nestes quase 90 anos, um crescimento expressivo, proporcional aos das cidades-capitais mais antigas e amadurecidas do país. Neste sentido, o desafio de abordar as questões que lhe impelem transformações estruturais se amplia, pois os instrumentos e argumentos devem ser diferentes daqueles utilizados em cidades históricas como Salvador e Rio de Janeiro, ou como aqueles já desenvolvidos e amplamente aplicados nas cidades europeias. É reconhecido, assim, dois fenômenos que colidem neste espaço urbano: 1) aqueles que um dia foram as expressões das Vanguardas no sertão, que se tornaram preexistências inegavelmente relevantes para a história das cidades e do urbanismo no Brasil; e, 2) aqueles que são produtos das imposições globais em linguagem e funcionamento. Diante deste quadro, três recortes notadamente articulados a esse conflito serão aqui abordados: 1) as transformações do Setor Central; 2) os parques urbanos; e, por fim, 3) os “monumentos”.

Nos âmbitos da pesquisa aqui relatada, compreendia-se inicialmente Efeito Genérico como uma ponderação ao discurso de Rem Koolhaas (1995; 2010), aferindo caráter processual aos desígnios homogeneizantes do capital por sobre as cidades inseridas na lógica da globalização. Atualmente, com a pesquisa em vias de finalização, compreende-se Efeito Genérico<sup>2</sup> como um mecanismo ambivalente de homogeneização espacial e diferenciação territorial (MÁXIMO, 2019). A partir da questão colocada, objetivou-se a compreensão das nuances desse conflito (ou processo), tendo em vista que as intervenções no Setor Central de Goiânia o tematizam e, por outro lado, a proliferação de novos parques urbanos e “monumentos” se utilizam de propriedades permanentes deste mesmo Setor: o bucólico e o monumental.

## 2 | O SETOR CENTRAL

O Setor Central de Goiânia coloca-se como um território de grande interesse e em plena disputa. Por demarcar as ações de interiorização por parte do Estado na Era Vargas, sua constituição histórica e paisagem assinalam as complexidades inerentes de uma entidade territorial que já apresenta uma duração histórica considerável, mas ainda encontra-se em processo de configuração. O Setor Central,

---

2. Compreensão mais bem desenvolvida em pesquisa de tese de doutorado por título **O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: História e Metropolização**, desenvolvida no PPG-FAU-UnB.

projetado por Attilio Corrêa Lima (1933-1935) - um urbanista de peso para a história do urbanismo no Brasil -, teve fragmentos tombados pelo IPHAN em 2003: seu traçado viário e 22 edifícios e monumentos. Essa relevante ação institucional pode ser discutida por, no mínimo, dois vieses. O primeiro, refere-se à demarcação de seu reconhecimento como patrimônio de abrangência nacional, cuja relevância para a constituição urbana do Planalto Central é irrefutável. Ainda neste argumento, é possível identificar o valor de sua própria configuração espacial como a expressão de um tempo e de um conjunto de pensamentos de Vanguarda. O segundo ponto refere-se a um processo nacional e global de patrimonialização de áreas urbanas históricas. Esse fenômeno alinha Goiânia a casos espalhados pelo globo, ao passo que assinala, ele mesmo, um desejo pelas permanências urbanas e uma ameaça iminente de aniquilação dessa herança.

Este marco institucional é importante para demarcar as duas distintas maneiras de como o Setor Central foi abordado ao final do século 20 e início do século 21. Antes do tombamento federal em 2003, o Setor Central foi entendido como um território de discussões, projeções e propostas. Aviltava-se, na década de 1990, uma compreensão de que o espaço em questão passava por progressivo esvaziamento. Essa tese, sombria e questionável, guarda em seus argumentos, por outro lado, a compreensão do fenômeno de transformação do Setor Central em decorrência das pressões exercidas pelos grandes equipamentos localizados nas áreas limítrofes da cidade, em especial, na Região Sul (MÁXIMO, 2019). Em 1997, Nion Albernaz, então prefeito do município, convidou o escritório GRUPOQUATRO para elaborar um documento que veio a ser nomeado, em 1998, quando concluído, de Projeto Goiânia 21. Esse documento apresentou 21 possibilidades de intervenção para o “regate” da vitalidade “perdida”, ao passo que sinalizou para a virada do século. Em 2000 ocorreu o Concurso Nacional Attilio Correa Lima, que tinha por finalidade a requalificação do Setor Central em três áreas: A Praça Cívica, a Avenida Goiás e a Praça dos Trabalhadores. O concurso para as intervenções nessas três áreas foi vencido pelos arquitetos mineiros Alexandre Brasil, André Luiz Oliveira, Carlos Alberto Maciel e Danilo Matoso Macedo, de Belo Horizonte. As ideias contidas nas propostas vencedoras foram, de certo modo, metamorfoseadas e incorporadas às estratégias do Grupo Executivo de Revitalização do Centro (GECENTRO), de 2002, que coordenou uma série de intervenções que foram realizadas em 2003: a criação do Mercado Público da Avenida Paranaíba, projetado pela arquiteta Lucia de Fátima Scorel, para receber os ambulantes que localizavam-se na Avenida Goiás; a requalificação paisagística da Avenida Goiás, do arquiteto Jesus Cheregatti; e o Projeto Cara Limpa, elaborado pela arquiteta Anamaria Diniz, que pretendia a limpeza da poluição visual das fachadas dos edifícios históricos, bem como a devolução da arquitetura, especialmente aquela com traços *Art Déco*, à cidade.

Desse modo, o ano de 2003 como um marco para a Goiânia contemporânea e seu Setor Central foi cancelado por esse conjunto de ideias, intervenções e pelo tombamento. Todavia, apesar de consistentes, tais ações não tiveram continuidade e o debate de matrizes distintas que se formava na virada do século foi sombreado pelas discussões de sua patrimonialização. É nesse contexto que as ideias desenvolvidas no Projeto Goiânia 21 retornam e são, em partes, materializadas pelo escritório proponente (MÁXIMO *et al*, 2016). Das 21 propostas, 3 foram executadas, embora diferentes dos desenhos pretendidos em 1998: 1) Centro Olímpico (demolição do antigo em 2006 e início das obras em 2013 e concluído em 2016), 2) Intervenção na quadra do Teatro Goiânia (2010-2013) e a 3) Praça Cívica (2015). Mediante o tombamento, tais intervenções puderam ter financiamento misto de recursos provenientes de bancos internacionais, do estado, do município e da União, em decorrência da inclusão de tal sítio no Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) Cidades Históricas, em 2009. A última intervenção concretizada, a Praça Cívica, foi base para uma proposta mais ampla desenvolvida pelo estado e apresentada em 2017, nomeada de Circuito Cultural da Praça Cívica. A museificação dos edifícios que a configuram trataria de reforçar as premissas das intervenções realizadas pós-tombamento, de inserir Goiânia no circuito cultural do turismo nacional, em decorrência de seu patrimônio *Art Déco*.

A insistência da mídia, dos políticos e da própria academia em relação ao esvaziamento do Setor Central figura-se como um senso comum que se delonga há três décadas. Embora tenha sido amplamente utilizada para justificar as intervenções pós-tombamento, o teor de tais intervenções, voltado para as transformações de bens patrimoniais em equipamentos de cultura e lazer, não ataca este problema inicialmente levantado. Por outro lado, reforça o curso das discussões dos centros históricos das cidades brasileiras, adotando um diagnóstico padrão e soluções repetidas, embora em um sítio histórico *sui generis* e com ação patrimonial de mesma natureza. Deste modo, um diagnóstico mais preciso dessa hipótese carece de ser realizado. Antes disso, observa-se quase que de modo irrestrito a submissão do patrimônio goianiense aos desígnios do pensamento único: a persistente tentativa de transformação deste patrimônio em parque temático, tal qual nos alertou Ignasi de Solà-Morales (2002).

### 3 | OS PARQUES URBANOS

Os parques urbanos de Goiânia, mais que seu Setor Central, encontram-se numa ambígua e complexa limiaridade entre o efeito genérico e as permanências. Presentes na gênese da cidade, eles ressoam no imaginário coletivo de forma

consistente, seja pela experiência de seus habitantes mais antigos nessas áreas verdes inicialmente planejadas, seja pelo reforço desse imaginário a partir das estratégias recentes de *marketing* urbano que divulgam, desde a década de 1990, Goiânia como a “cidade dos parques” (MÁXIMO; MENESES, 2013). Essa esfera que engloba as discussões ecológicas, identitárias e mercadológicas, recai sobre o ideário da classe média goianiense que almeja ter próximo a suas moradias esses equipamentos de lazer coletivo e respiradouros urbanos. Essa observação é derivada de um fenômeno historicamente constituído a partir do “sucesso” do caso específico do Bosque dos Buritis que, limítrofe ao Setor Central, passou por forte adensamento de condomínios residenciais verticais, da década de 1960 à década de 1980. Paradigmática à metropolização intraurbana em Goiânia, essa equação foi assumida em diversos outros parques que vieram, assim, a compor sua tessitura urbana em expansão (MÁXIMO; TREVISAN, 2018) e, em muitos casos, a resolver os problemas derivados dessa mesma expansão.

A Região Sul da cidade foi aquele trecho que mais assimilou tais influências. O primeiro a replicá-la foi o Parque Vaca Brava, construído na nascente do Córrego Vaca Brava, cuja ocupação iniciou-se em 1985, com projeto paisagístico de 1994 e institucionalizado em 1999. O Parque Flamboyant, institucionalizado também em 1999, somente teve implantação iniciada em 2004 e concluída em 2006. Ambos passaram por intensa especulação imobiliária durante e após a conclusão das obras. Estes dois parques adicionaram incrementos ao léxico urbanístico afeito à metropolização: Hipermercados e Shoppings Centers. No primeiro caso, o Goiânia Shopping (1995) e o hipermercado Bretas; e no segundo, o Flamboyant Shopping (1981), já presente nas imediações da nascente do Córrego Sumidouro utilizado para a criação do parque, com adição posterior do Walmart e Carrefour. Além de uma série de equipamentos de saúde, edifícios de escritórios, hotéis, universidades, restaurantes e academias que vieram a instalar-se em suas redondezas, torres residenciais delineiam seus *skylines* (Figura 1) transformando, assim, tais equipamentos eminentemente públicos em semipúblicos. Obviamente, estes parques a poucos metros desses imóveis agregam valor simbólico e econômico, locais em que o capital se reproduz de modo mais acelerado na capital.



Figura 1—Entorno verticalizado do Parque Flamboyant visto a partir da BR-153.

Fonte: Pedro Máximo, 2019.

Nesta virada de século, os parques pioneiros da cidade também passaram por intervenções paisagísticas diversas de mobilidade, mobiliário, vegetação, equipamentos, calçamentos e forração: o Bosque dos Buritis (2000), o Parque Botafogo (2012; 2013), o Parque Areião (2012) e o Jardim Zoológico (2013). Além do Bosque dos Buritis com entorno já adensado, com essas intervenções no Parque Areião e Jardim Botânico, associadas à legislação vigente e à pressão exercida pelo capital imobiliário, deflagrou-se processos de verticalização e especulação dos Setores Marista e Oeste, respectivamente, dos lotes e quadras lindeiras a estes equipamentos. Além dessas ações, projetos de porte metropolitano foram desenvolvidos utilizando-se de corpos d'água para sua problematização, propostas e intervenções. A criação do Parque Linear Macambira Anicuns (PUAMA) em 2003, compreende os Parques do Ribeirão Anicuns e do Córrego Macambira, numa extensão linear de 24 km. Com as obras iniciadas em 2008 a partir do financiamento por parte do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), observa-se um processo de concentração de empreendimentos imobiliários ao longo deste trecho ainda em obras, além da criação de Hipermercados (como o Carrefour, Açaí e Atacadão) e Shoppings Centers (Plaza D'Oro, Cerrado) em suas imediações, assim como condomínios horizontais e verticais. Já a Operação Urbana Consorciada Jardim Botânico (2014), propõe a transformação dos arredores deste equipamento instituído em 1978 aos moldes do 22@ de Barcelona, Água Branca de São Paulo e o Nova BH, de Belo Horizonte. Além disso, obras recentes no sítio do Jardim Botânico criaram o Parque Jardim Botânico (2019), na parte oeste que é seccionada

pela Avenida 3ª Radial.

As estratégias de recuperação, revitalização ou reabilitação dos corpos d'água por meio da criação de parques urbanos se deu também nas áreas mais afastadas do Setor Central. A inauguração do Parque Pedro Saloiman Melo (2016) no setor Água Branca (Região Leste) parece adequado ao porte das ocupações da vizinhança imediata, não fosse a presença do Shopping Lozandes, do hipermercado Bretas e de um conjunto de edifícios públicos ali construídos e em construção, como o Paço Municipal, o Ministério Público Federal, o Fórum Cível, entre outros, bem como o condomínio Alphaville, localizados a aproximadamente 200 metros dali. Pequeno, adequado à escala das residências térreas de sua circunvizinhança, encontra um forte contraste com esse entorno que receberá o Parque do Cerrado, uma ampla área paisagística que, pretende-se, dará coesão aos edifícios públicos. Além disso, há, na Região Oeste da cidade, a pressão por parte do capital imobiliário para a criação do Parque Sebastião Júlio Aguiar, no bairro Parque Oeste Industrial. A história do local, envolta pelo espírito da luta pela moradia de famílias de baixa renda e pela violência por parte dos agentes do Estado em 2005, dá lugar, desde 2010, a um amplo campo de quadras vazias e construção de torres residenciais e galpões de armazenamento e indústrias. Das quadras remanescentes nas redondezas do parque proposto, 25 delas receberão condomínios-clubes, além de *shopping center* e hipermercados.

Cenários antagônicos ao espírito frenético da metrópole, esses equipamentos tematizados por jardins, lago, cobertura vegetal densa e animais adaptados à vizinhança antrópica, reconfiguram um tom bucólico à paisagem em oposição à vida privada constituída nos apartamentos empilhados nas torres vitrificadas que os circundam. Em Goiânia os parques não são novidade, mas a especulação de seus arredores se avilta na construção de torres de 40 e 50 pavimentos, que configuram verdadeiras muralhas habitadas. Goiânia, assim como São Paulo, pretende seguir à risca o modelo de urbanização dos arredores do Central Park, de Nova Iorque. Adaptados à realidade local, contudo, não deixam de se relacionar, das mais variadas maneiras, com esse léxico global, mas assentam-se em propriedade originárias do plano inicial e das experiências de seus primeiros parques.

#### 4 | OS “MONUMENTOS”

Em Goiânia, os problemas que envolvem a mobilidade foram enfrentados, no início do novo século, utilizando-se técnicas e repertórios mistos. Por um lado, uma certa insistência nas técnicas rodoviaristas afeitas a um desenvolvimentismo tardio, como a construção de viadutos, foi a aposta da gestão municipal de Iris Rezende (2005-2010) para solucionar os conflitos de trânsito em agravamento desde a

década de 1990. Por outro lado, um ar de contemporaneidade paira sobre tais intervenções em decorrência da inserção de “monumentos” a tais infraestruturas. Apesar de que muitos trechos da metrópole tenham passado por intervenções que expõem a primeira vertente, a Avenida 85 guarda, de modo evidente, essa dualidade. Esse trecho de aproximadamente 6 quilômetros conecta as Regiões Central (Praça Cívica) e Sul (Serrinha), cujas intervenções foram estipuladas para pontos considerados críticos: a Praça Latif Sebba e a Praça Simão Carneiro. De categoria Arterial, a Avenida 85 cruza e articula diversos bairros de alta densidade, tais como os Setores Bueno, Oeste, Serrinha e Bela Vista, bem como de baixa densidade, como os Setores Marista e Sul.

Palco dos maiores congestionamentos de Goiânia na década de 1990<sup>3</sup>, a pressão popular sobre a administração municipal fez Iris Rezende retirar da gaveta o projeto de intervenção *Projeto Executivo de Passagem Subterrânea Sob a Praça Latif Sebba* (1992), no cruzamento das Avenidas D e 85, elaborado pelo Instituto de Planejamento Municipal (IPLAM<sup>4</sup>), e implantá-lo. No novo projeto executado pela Agência Municipal de Obras (AMOB) foi acrescentado ao Viaduto Latif Sebba, de dois níveis, um “monumento”, elaborado pelo arquiteto Marco Antônio Amaral em 2007, cuja [...]

[...] estrutura da imensa escultura foi feita com perfis de aço de chapa dobrada, e revestida com chapas metálicas perfuradas. Seus três elementos em forma de lança apontam para diferentes sentidos – leste, sul e oeste – [...] Pesando aproximadamente 20 toneladas e medindo 56 m de altura, cada uma das torres pontiagudas se apóia nas outras duas, em intersecção. (CBCA, 2008, p. 8)

A antiga Praça Latif Sebba, ali localizada e conhecida como Praça do Ratinho<sup>5</sup> passou a abrigar a escultura que, segundo Marco Amaral, faz relação ao traçado de Attilio Corrêa Lima, quando estabeleceu as três avenidas do Setor Central, em seu plano para Goiânia. Além do mais, os deslocamentos dos três elementos para leste, oeste e sul, direcionam para onde a cidade mais cresceu. Já o viaduto do cruzamento das Avenidas 85 e T-63, coordenado pelo arquiteto Sandro Carvalho, foi uma intervenção maior, em três níveis. A antiga praça ali localizada, Simão Carneiro, possuía um chafariz que foi seu atributo referencial por décadas, conhecida como Praça do Chafariz. A obra, concluída em 2008 e margeada pelos bairros mais nobres de Goiânia à época, possui o monumento mais alto da cidade, sendo percebido de longas distâncias. Sua altura é de 64,50 metros, e possui dois prismas pontiagudos, com mesma materialidade que o “monumento” do Viaduto Latif Sebba, que se tocam no ponto mais alto, e possui uma inclinação na direção Norte, cuja ideia era

3. Devido, principalmente, ao crescimento econômico da população e a abertura de crédito para o comércio de automóveis promoveu um inchaço urbano sem precedentes nas cidades brasileiras, nas últimas duas décadas.

4. Na gestão do então prefeito Nion Albernaz (1989-1993) co-partidário de Iris Rezende, no PMDB.

5. Popularmente conhecida como Praça do Ratinho em função da presença de um posto de gasolina, o Posto do Ratinho.

que esta escultura funcionasse como uma bússola a indicar a localidade do Setor Central (Figura 2).



Figura 2-A imagem da esquerda refere-se ao Viaduto Latif Sebbá; e a imagem da direita refere-se ao Viaduto João Alves Queiroz.

Fonte: Pedro Máximo, 2017.

Nesses casos analisados, a decisão de construir, tanto os viadutos quanto os “monumentos”, partiu necessariamente de uma demanda política. As demandas de transporte não foram solucionadas completamente pois, ao longo da Avenida 85, o trânsito está mais fluido, mas nas suas extremidades (Praça Cívica e Alto Serrinha), as demandas aumentaram. Há, contudo, duas finalidades específicas neste tipo de intervenção: 1) demarcação espacial em intervenções que enobrecem mandatos dos gestores urbanos, e 2) valorização das áreas de interesse de especuladores urbanos. O caso de abrangência nacional, a Ponte Octávio Frias de Oliveira, na região da Avenida Berrini, em São Paulo, conjuga o mesmo verbo, em coro, com a paisagem vitrificada que emerge em seus arredores. No Viaduto Pinheiro Borda, em Porto Alegre, a única coisa que o identifica é seu formato de M, mesmo assim, tal informação é irrelevante se considerado seu entorno imediato, o Estádio Beira-Rio. Este conjunto de obras, nas metrópoles ou nas cidades médias, articulam-se com uma produção similar mais ampla. A Erasmus Bridge, em Rotterdam, o Viaduto de Millau sobre o rio Tarn, na França, ou a ponte Zubizuri, em Bilbao, são exemplos desta estética global. Inúmeros casos de infraestruturas, com injeções de lirismo, como expõe Koolhaas (2010, p. 103) revela casos de “estações de comboios (que) expandem-se como borboletas metálicas [...] as pontes estendem-se com frequência sobre margens insignificantes como versões grotescas e ampliadas de uma harpa.”

## 5 | GOIÂNIA, RUMO À CIDADE GENÉRICA

Este texto foi iniciado com a seguinte questão: como lidar com as imposições globais por sobre os locais inseridos na lógica da globalização econômica? Diversas respostas poderiam ser dadas a esta pergunta, mas, contextualizada às reflexões aqui trazidas é importante ressaltar que, de início, há que se compreender as nuances de tal fenômeno. Lipovetsky e Serroy (2011) nos indicam um caminho diferente daquele historicamente consolidado pelas imposições do capital, como guerras e conflitos. Para os autores, o capital não somente transformou a cultura em mercadoria, mas introduziu às sociedades a mercadoria como cultura. Tal equação, difícil de ser identificada, mas coerente com uma sociedade marcada pelo signo do capital (LENCIONI, 2017), se materializa nos espaços inseridos no circuito do capital global alimentando as subjetividades e configurando racionalidades sutis. No urbanismo, um espetáculo à parte acontece como resultado dessa equação, ao passo que suas partes, fragmentos e componentes são inseridos nos sistemas de objetos-mercadoria a partir dessa relação ambivalente cultura-mercadoria.

Em Goiânia, após a patrimonialização de seu Setor Central em 2003, o sítio em questão passou a ser tratado como parque temático afeito ao vocabulário difundido por cidades como São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Programas arquitetônicos e Políticas Públicas de Cultura e Lazer são insistentemente aplicados a tais espaços como as soluções adequadas para problemas comuns: esvaziamento, obsolescência ou morte. Entretanto, como é possível constatar, tais problemas encontram-se em outra ordem de diagnóstico, muito mais complexos e com soluções que exigem ações de mesma matriz.

No trabalho observamos que duas qualidades inicialmente implantadas em Goiânia foram incorporadas às intervenções recentes, embora assumidamente relacionadas com o léxico urbanístico global: o bucólico e o monumental. O bucólico, inscrito nas *parkways* e parques projetados por Attilio Corrêa Lima inicialmente executados na cidade, se revela pelas estratégias de *marketing* urbano que difundem Goiânia como “Cidade dos parques” e pela acelerada proliferação de parques urbanos em seu tecido urbano expandido. Ações guardadas pelo ensejo de proteção dos corpos d’água e pela providência de áreas de lazer e recreação para a população, seus arredores são tomados por torres vitrificadas, *shoppings centers*, hipermercados e outros equipamentos dessa natureza, perfazendo paisagens globais e inscritas na lógica de circulação do capital.

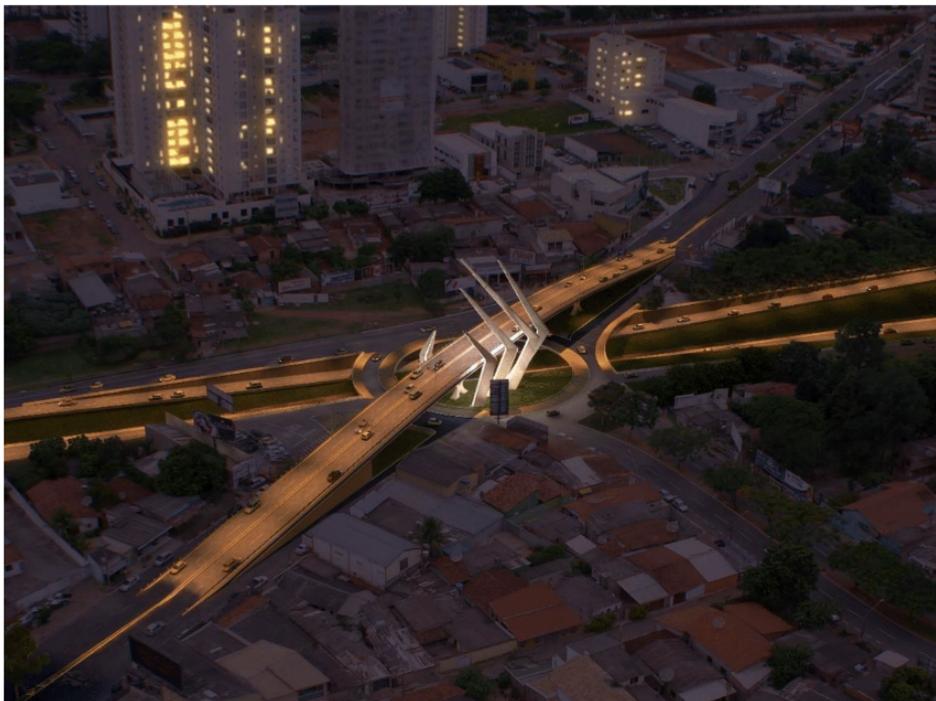


Figura 3–Viaduto Jamel Cecílio, em Construção. Imagem divulgada em 2015.

Fonte: Curtamais.com

Já o monumental, presente na estrutura das três avenidas principais convergentes à Praça Cívica no Setor Central, se desnuda a partir das articulações entre novas infraestruturas viárias inseridas na cidade, como viadutos, e seu expoente lirismo pontiagudo a partir dos monumentos inscritos no percurso da Avenida 85. Em 2019 iniciou-se outra intervenção de mesmo caráter no cruzamento das Avenidas Jamel Cecílio, Leopoldo de Bulhões e Marginal Botafogo: o viaduto Jamel Cecílio (Figura 3). Coincidentemente projetado por Sandro Carvalho (2015) e executado na nova gestão de Iris Rezende (2017-2020), o objetivo é trazer melhorias para o trânsito caótico (fruto das decisões tomadas pelos mesmos grupos políticos), mas, mais que isso (como é de praxe na inscrição de monumentos nas cidades), marcar, por meio do novo “monumento” no espaço urbano, a filosofia da gestão: uma espetacularização da paisagem associada à tecnocracia de um desenvolvimentismo tardio.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília. **Urbanismo em im de linha**. São Paulo: EdUSP, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1996.

KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a cidade**. Barcelona: GG, 2010.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S,M,L,XL**. New York: The Monacelli Press, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LENCIONI, Sandra. Para além da urbanização metropolitana: metropolização e regionalização pós-metropolitana. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, J.; MATTOS, R. C. de. (Org.). **O espaço e a metropolização. Cotidiano e ação**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 147-168.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MÁXIMO, Pedro Henrique. **O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: História e Metropolização**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

MÁXIMO, Pedro Henrique; BARBOSA, Lucas Jordano.; REZENDE, Mayara. 3/21: O Plano Goiânia 21 e as intervenções no Centro de Goiânia. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v. 9, n. 1, p. 199-215, junho de 2016.

MÁXIMO, Pedro Henrique; MENESES, Marcela Ruggeri. Escalas e Dinâmicas da Cidade Contemporânea Brasileira: os Parques Urbanos de Goiânia e suas dicotomias. In: **XV ENANPUR**, 2013, Recife. Anais 2013, 2013. p. 1-15.

MÁXIMO, Pedro Henrique; TREVISAN, Ricardo. A metropolização do espaço em Goiânia e Anápolis: Metamorfoses territoriais e o efeito genérico. In: **Anais do 2º Seminário Nacional Pensando o Projeto, Pensando a Cidade**, 2018, Goiânia. GOIANIA: UFG, 2018. p. 1-18.

MUÑOZ, Francesc. **Urbanización: paisajes comunes, lugares globales**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. **Territorios**. Barcelona: GG, 2002.

VÁZQUEZ, Carlos Garcia. **Teorias e historia de la ciudad contemporánea**. Barcelona: GG, 2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade Espacial 94

Agências bancárias 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79

Álvaro Siza 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 59

Arquitetura Moderna 1, 2, 4, 6, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 50, 58, 123

Arquitetura ribeirinha 82, 83

Art déco 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 76, 143, 144

### B

Bairros-jardim 110, 112, 127

### C

Casa do Chame-Chame 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Cicloturismo 60, 61, 62, 63, 68

Cidade 3, 5, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 59, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 83, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 130, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179

Colônia do Sacramento 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109

Colonização espanhola 95, 100

Colonização portuguesa 95

### D

Dimensão Fractal 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

### E

Efeito Genérico 140, 141, 142, 144, 152

Espaço 17, 19, 23, 30, 31, 44, 47, 48, 50, 57, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 151, 152, 153, 156, 159, 178

### F

Função 18, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 108, 113, 148, 156, 171, 172, 176, 178

## G

Goiânia 32, 37, 39, 40, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152

## L

Lina Bo Bardi 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 21, 22, 23

Linguagem arquitetônica 25, 33, 39, 41

## M

Matemática aplicada ao urbanismo 154

Museus 41, 43, 44, 80

## O

Ocupação 73, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 145, 153, 155, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

## P

Padrões morfológicos 96, 165

Permanências Urbanas 140, 141, 143

Projeto 5, 6, 9, 10, 11, 18, 21, 25, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 113, 114, 116, 125, 126, 128, 130, 141, 143, 144, 145, 148, 152, 165, 178

## R

Ressignificação 69, 72

## T

Território 26, 85, 90, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 142, 143, 180

Tombamento 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 143, 144

## U

Urbanismo fractal 154

## V

Vazios urbanos 102, 107, 153, 154, 155, 171, 178

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**